

O dia em que o samba foi enquadrado

» MARCELO CAFÉ

Cantor, compositor, ativista cultural e ceilandense



Suspeito, muito suspeito. Roupas coloridas demais para o padrão de nossa sociedade. “Fazendo arruaça, juntando gente, cantando, esbanjando felicidade, hein? Não duvido que tenha uma boquinha, né vagabundo? Qual é o seu nome, rapaz?”. “Meu nome é Samba, doutor delegado.”

O delegado olha desconfiado, coça o queixo, faz cara de poucos amigos e cheio de ironia diz: “Samba, Samba, Samba! Que nome mais esquisito! Poderia ser Joaquim, Manoel, João, José... Nomes que lembram a nossa grandiosa cultura herdada pelos portugueses. Mas acho que seria impossível. Com essa corzinha, você não teria esse nome, não é mesmo?”. Todos na delegacia riem alto. Samba faz uma cara de quem não entendeu bem.

O que teria a ver a cor dele com o nome? E por que um nome português o faria melhor ou diferente de outra pessoa? Fica intrigado, não querendo acreditar que o estão interrogando por conta da roupa, pelo nome, pela alegria e, mais, por conta da cor da própria pele. O soldado Pires, o mais puxa-saco entre os auxiliares do delegado, como todo puxa-saco, ainda procura reforçar a fala do patrão, com o que ainda chamaríamos de preconceito: “Ora, chefe, e ele lá sabe onde é Portugal?”. “Mas claro que sei, inclusive...”. “Cale-se!”, diz o delegado, “por um acaso lhe dei permissão de falar? Me diga, de onde você vem?”. “Eu vim de África, na verdade estou aqui há muito tempo. Cheguei com uma gente bastante antiga, era criança. Com essa gente, vieram saberes, cantigas, muitas rezas e mandingas”, respondeu Samba. “Para mim, tudo isso que você falou é coisa de gente que não acredita em Deus”, diz o delegado. “Credo em cruz!”, dizem alguns auxiliares, fazendo o sinal da cruz. “E onde fica esse país África?”, pergunta o delegado, abrindo um atlas e, com o dedo indicador, percorrendo o continente europeu.

Samba, observando o equívoco, levanta-se da cadeira e, com toda mandinga herdada dos ancestrais, diz: “Creio que os senhores estão enganados! Talvez, se olhassem mais à direita, veriam um grande continente, composto por diversos países. Ah, senhores, África não é um país, mas, sim, lugar de grandes reinos. Os senhores sabiam que lá se inventou a escrita? E as famosas pirâmides, sabiam que ficam em África? Ah, e ainda tem o papel, a cerveja, a engenharia, a filosofia, a matemática e a escrita, que nasceram

nesse lugar de pessoas da pele como a minha”.

Um silêncio ensurdecedor cai sobre a sala. Delegado e agentes se entreolham. Gargalham alto, tanto para zombarem de Samba, quanto para esconderem a própria ignorância. “Ora, ora, ser delegado tem desses dias de diversão. Pois, onde já se viu, reinos em África? Reinos existem na Inglaterra, em Portugal, na Suécia, nas grandes nações. O senhor...o senhor não passa de um contador de histórias. Só me falta dizer que... que, com essa sua gente que veio pra cá, construíram o Brasil. Ora vejam...”. “Pois sim, senhor! Eu e meus familiares construímos este país. E temos muito orgulho de nossa contribuição a esta nação!”, disse Samba.

“Estou vendo que o senhor não é apenas contador de história. É um subversivo. E, como subversivo, não pode estar insuflando a imaginação das pessoas!” Samba foi preso, enquadrado como perigoso, subversivo e espião de alta periculosidade, que estava em terras brasileiras para

desestabilizar o poder estabelecido. Com roupas coloridas, sorriso fácil, juntando as pessoas, contando histórias de um povo que por aqui chegou, vindo de longe, de uma terra onde reis e rainhas eram pretos e pretas, como ele, e causaram perturbação nas autoridades.

Nessa época, as verdades eram fabricadas, e contrariar verdades absolutas trazia problemas. Da mesma maneira, já tinha acontecido com outras pessoas vindas do mesmo continente que Samba, uma moça muito sabida chamada Capoeira e outro rapaz bastante imponente chamado Candomblé. Eles foram acusados de vadiagem, heresia e proibidos de voltar ao Brasil. Com Samba não foi diferente. Sentenciado a deixar o Brasil, conseguiu asilo em um país distante. Por lá, transitou, ensinou, ajudou gente, contou sobre a própria história e seu povo, espalhou malediosidade por onde passou. Nesse tempo, ele ganhou outro nome, Bossa Nova.

O desafio de formar professores de qualidade

» HELOISA MOREL

Diretora executiva do Instituto Península

» HAROLDO CORRÊA ROCHA

Coordenador geral do Movimento Profissão Docente

Hoje, mais do que nunca, é consenso que a educação é um dos principais fatores para a competitividade e o desenvolvimento de uma nação. Países com sistemas educacionais de alta qualidade estão mais bem posicionados para enfrentar diversos desafios, incluindo aqueles que envolvem a redução das desigualdades sociais e suas consequências: fome, desemprego e violência.

No Brasil, a crise de aprendizagem é um problema crônico, que impede o país de alcançar seu potencial. E para conter esse problema, não há apenas um caminho, mas uma série de providências a tomar. A recomposição da aprendizagem entre crianças e adolescentes deve considerar particularidades de cada contexto e olhar para uma figura central no processo de ensino e aprendizagem: o professor.

Em 5 de dezembro de 2023, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgou os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) de 2022. Ainda que a comparação em avaliações internacionais seja imperfeita, já que os contextos são distintos, o resultado recém-publicado demonstra com clareza a estagnação do Brasil em reverter a triste realidade da educação.

Inúmeros estudos mostram que, no ambiente escolar, o professor é o fator determinante para garantir o desenvolvimento dos alunos. Nesse sentido, o Brasil está diante de um mega desafio: revolucionar o sistema de formação inicial de professores para a educação básica.

Ousamos dizer que o Brasil, quando se trata de formação de professores, está “no fundo do poço”. A formação tradicional, que se pratica, há décadas, nas Instituições de Ensino Superior (IES), continua centrada na transmissão de conhecimentos teóricos, que, obviamente, são imprescindíveis, mas que, ao serem isolados das práticas docentes, não são suficientes para preparar os professores para os desafios no dia a dia nas salas de aula.

As frágeis e quase inexistentes relações estruturadas das IES com as redes públicas de ensino e suas unidades escolares tornam mais distantes a conexão dos futuros professores com as realidades da sala de aula, aspectos que tornam a formação de professores ineficaz. Esse quadro já é bastante preocupante em si, mas se agrava ainda mais com o uso inadequado e desmedido das tecnologias digitais, que gerou uma avalanche de cursos a distância de baixo custo e de baixa qualidade, no formato autoinstrucional, privando os futuros professores da vivência dos ambientes escolares.

Formar professores de qualidade não é trivial. A superação desse desafio demanda um esforço coordenado de múltiplos agentes e instituições. Nesse contexto, a liderança e a coordenação do Ministério da Educação são indispensáveis.

A estratégia de enfrentamento do desafio de construção de um novo modelo de formação inicial de professores para o Brasil deve ter a participação das representações das IES públicas e privadas, das secretarias estaduais e municipais de Educação, dos professores e da sociedade civil organizada. O debate deve ser amplo e transparente, mas deve ter como base estudos técnicos que fundamentem uma política pública.

O Brasil precisa, com urgência, conceber e iniciar a implementação de uma inovadora e robusta Política Nacional de Formação Inicial de Professores para a educação básica. Tal política deve ser pautada pelos seguintes objetivos: formar professores com foco em práticas pedagógicas; garantir financiamento às instituições de ensino superior para a reestruturação curricular e a supervisão pedagógica dos estágios; viabilizar parcerias entre as IES, os sistemas de ensino e as escolas, garantindo a efetiva realização dos estágios supervisionados; e oferecer bolsas de estudos aos estudantes de formação inicial, possibilitando sua dedicação exclusiva aos estudos.

Se o Brasil quiser se colocar como líder diante dos desafios globais e garantir o futuro da nação, precisa investir na formação de professores de qualidade. Professores de qualidade e alto desempenho constituem a principal alavanca para melhorar a qualidade da aprendizagem dos estudantes e garantir que todos possam aprender e se desenvolver. O Brasil está diante de uma urgência. A educação não pode esperar!

Felicidade, sentimento 360 graus

» COSETE RAMOS

Idealizadora do Movimento Brasília Capital da Felicidade, pioneira, doutora em educação, presidente da AmaBrasília e membro do Codese-DF

A felicidade é um sentimento individual e intransferível. Eu não posso ser feliz por você. Você não pode ser feliz por mim. Esse sentimento acompanha o homem desde o nascimento. Filósofos dos mais diferentes matizes estudaram e construíram compêndios sobre o tema. A única certeza é de que a felicidade está dentro de cada um de nós. E como diz a cientista brasileira Carla Furtado, a felicidade mora no cérebro!

Coletivo — A felicidade é um sentimento plural a ser compartilhado por uma comunidade. Temos bem pertinho um ótimo exemplo. No início do ano de 2023, a Aliança das Mulheres que Amam Brasília (AmaBrasília) lançou um ambicioso sonho para nossa cidade, visando deixar um novo legado para as futuras gerações: Brasília Capital da Felicidade.

Mais de mil pessoas enviaram suas fotos, escolhendo felicidade para nossa amada cidade: jovens, mulheres, homens, governantes, políticos, presidentes de empresas públicas, ministro de Estado, dirigentes de empresas privadas. O Conselho de Desenvolvimento Econômico, Sustentável e Estratégico do DF (Codese-DF) incorporou esse sonho coletivo, por nós apresentado, em documento que foi aceito pela atual governança do DF.

Índice para medir a riqueza dos países — O reconhecimento da felicidade como uma métrica valiosa para avaliar a riqueza dos países tem ganhado destaque no mundo, impulsionado por críticas ao Produto Interno Bruto (PIB) como único

indicador de progresso, uma vez que não mede o verdadeiro bem-estar social. A ideia do índice Felicidade Interna Bruta (FIB) começou no Butão, em 1972, elaborada pelo rei Jigme Singya Wangchuck, e considera vários aspectos como saúde, educação, meio ambiente e governança.

Em 2018, Escócia, Islândia e Nova Zelândia estabeleceram uma rede de Governos da Economia do Bem-Estar. Em discurso visionário, a primeira-ministra da Escócia, Nicola Sturgeon, fala que o objetivo da política econômica deveria ser o bem-estar coletivo: o quão feliz e saudável a população é, não apenas o quão rica. A Organização das Nações Unidas (ONU) desenvolveu o FIB e, há mais de 10 anos, vem avaliando os diversos países, usando critérios ligados à felicidade humana.

Política pública — Há uma questão coletiva no bem-estar das pessoas. Para o florescimento de uma comunidade mais feliz e sustentável, torna-se fundamental a implementação de políticas públicas que tenham impacto real na qualidade de vida da população e que contribuam para o contínuo progresso das cidades. Para cuidar dessas políticas, alguns países criaram o Ministério da Felicidade.

E nós, como registrado no livro do Codese-DF, sonhamos com a criação, no DF, de uma Secretaria de Estado da Felicidade, com o objetivo de promover o bem-estar da população e a longevidade saudável, implementando políticas

públicas que façam avançar a felicidade coletiva, a construção de uma sociedade mais feliz e a justiça na distribuição dos recursos. É tarefa do governo criar as condições para a realização do sonho de felicidade da população!

Ciência da felicidade — Na década de 1990, inicia-se nos Estados Unidos uma verdadeira “revolução” na área da psicologia. O novo presidente do Conselho de Psicólogos Norte-Americanos, Martin Seligman, lidera a conceptualização de uma nova visão da psicologia positiva. Ainda hoje, esse movimento continua estabelecendo as bases da ciência da felicidade, agregando conhecimentos da neurociência e da ciência das emoções.

Está prevista para a primeira semana de abril de 2024, abrindo o mês de aniversário de Brasília, promovido pela AmaBrasília, a realização do 1º Congresso Internacional em Brasília: Ciência da Felicidade, tendo como principal conferencista a famosa cientista dos Estados Unidos Bárbara Fredrickson, considerada, por Seligman, como “o gênio do movimento da psicologia positiva”.

Felicidade em Brasília — É nossa expectativa individual e coletiva que, no DF, a felicidade seja a grande balizadora na definição de ações e projetos a serem implementados com o dinheiro público, para benefício e bem-estar da própria sociedade. Vamos juntar forças, competências e paixão para que nossa amada cidade possa se tornar, em breve, a sonhada e autêntica Brasília Capital da Felicidade!